



## Homens & Lobos

# Bodes expiatórios

Hoje, quem saia da maior estação ferroviária de Berlim encontra o largo da Washingtonplatz ocupado por um estranho e sinistro exército: um conjunto de 66 enormes esculturas metálicas, a retratar lobos antropomorfizados em poses agressivas, muitos empunhando armas. Um enorme cartaz pede aos passantes que “não alimentem os lobos.”

Trata-se de uma exposição do artista excêntrico Rainer Opolka, que se descreve como “fabricante de lanternas, autor e escultor”. As figuras destes lobos-homens assumem seis formas diferentes, dos líderes aos seguidores cegos; encontram-se dispostas de forma ordenada, quase em formação militar. Esta assustadora intervenção pública, intitulada “Os lobos estão de volta”, esteve antes instalada em Dresden e pretende ser uma reacção contra o regresso da violência extrema à Europa. Aliás, as poses e as saudações das várias esculturas não deixam dúvidas: trata-se de uma crítica ao nazismo e aos seus seguidores actuais – lembre-se que desde 2015 as autoridades já registaram mais de mil crimes contra pessoas que procuravam asilo na Alemanha, de grafitos a fogo posto.

Em tempos de fogo, parece que regredimos para tipos de pensamento mais primitivos, como o uso de “papões” antigos para simbolizar o Mal. E o lobo, que até tem estado a intensificar a sua presença na Alemanha e noutros países europeus, continua disponível para o papel de metáfora fácil e preguiçosa. O artista alemão retoma como lema uma frase de Thomas

Hobbes, “o Homem é o lobo do Homem” – frase essa que já conta com mais de três séculos e meio. Outro exemplo recente é o nome dado aos terroristas de ocasião que embarcam em longínquos apelos à violência para cometerem actos desvairados: os “lobos solitários”.

Ou seja, para denunciar a nossa violência cometemos a violência simbólica de usar animais irracionais – movidos apenas por desejos de se alimentarem e procriarem – à laia de emblemas de tudo o que é maligno... em nós mesmos. E assim colocamos aquilo que odiamos na nossa natureza fora de nós, no corpo de um animal que antes inspirava medo e superstições.

Assim é desde tempos imemoriais o costume do “bode expiatório”: na Bíblia, o Levítico descreve a forma como um bode era deixado no deserto, carregando os pecados da comunidade; a sua morte redimiria as almas humanas. É bastante mais cómodo do que mudar os nossos comportamentos; escolhe-se um animal inútil e faz-se dele o receptáculo para toda a nossa iniquidade.

Já vai sendo tempo de ultrapassarmos medos pueris do escuro e das criaturas que nele se movem; os lobos nada têm de sobrenatural nem de maligno. São cidadãos do nosso ecossistema, não monstros capazes de simbolizar o nazismo, o terrorismo ou o Demo. Os seus instintos levam-nos a tentar alimentar-se dos nossos animais quando as presas silvestres rareiam; tal evita-se com boas medidas de protecção, como cães de gado ou vedações, não com vinganças e perseguições próprias de tribos primitivas.